



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O SILÊNCIO, O PODER E A RESISTÊNCIA: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LESBIANO NA ESCRITA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Quezia Fideles Ferreira

Universidade Federal da Paraíba. queziasfideles@hotmail.com

RESUMO: Tendo como imanente a diferença, as vozes que constituem o discurso dos sujeitos, na atualidade, vinculam variados gestos de interpretação que tem gerado interrogações sobre a natureza das identidades emergentes no cenário social. O universo literário é o lugar de constituição das identidades homoafetivas, cuja elaboração é perpassada pelas relações de poder, de resistência e de silenciamento. Partindo dessa constatação, nossa pesquisa teve como objetivo analisar de que forma a instituição do silêncio e da resistência funcionava como mecanismos de objeção à normatização da sexualidade na obra de Lygia Fagundes Telles. Para isso, nos respaldamos teoricamente nos estudos de Michel Foucault, Bullón(2008), Bruni(2006), entre outros, por meio dos quais chegamos a constatação de que a construção da identidade homossexual do sujeito lésbico é envolvida, como podemos depreender da leitura dos trechos analisados, pelo *mito do silêncio* e o *da anormalidade* que resulta na ideia de uma sexualidade desviante, que por transgredir do padrão heteronormativo de sexualidade é cerceado, marginalizado e silenciado no ambiente familiar, que reproduz as práticas de respeito, tolerância ou de alteridade em atuação no ambiente social mais amplo.

Palavras-chave literatura; gênero; espaço familiar; subjetividade.

INTRODUÇÃO

A questão da identidade do sujeito homossexual tem sido ao longo da história um dos temas recorrentes da materialidade literária, que como espaço simbólico congrega e dissipa, simultaneamente, variadas vozes, caracterizando-se como lugar de memorização de distintos espaços de memória. Neste contexto Silva(2005), afirma que a formação identitária dos sujeitos que transcende o padrão de sexualidade heteronormativo é cerceada pelas relações de poder e as suas marcas vinculadas nos discursos de inclusão/exclusão.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Partindo desse pressuposto e ancorados nos fundamentos advindos principalmente dos estudos de Michel Foucault, nossa pesquisa tem como objetivo analisar, tendo em vista as relações de poder que permeiam a instituição familiar materializada no conto “Uma branca sombra pálida, de autoria de Lygia Fagundes Telles, a instituição do silêncio e da resistência como mecanismos de objeção à normatização da sexualidade.

Neste enfoque partimos da percepção do silêncio como um mecanismo de exclusão, que resulta da negação da identidade sociossexual do sujeito lésbica e da ideia de resistência como contra poder, pois a sua condição de existência é a presença do poder no cerne das relações humanas.

O conto inscrito em 1995 presente na coletânea “ A noite escura e mais eu”, constitui-se como um significativo objeto simbólico no qual é possível compreender que a construção identitária dos sujeitos, é transpassadas pelas relações de poder, de silêncio e de resistência presentes em todas as relações estabelecidas no corpo social.

METODOLOGIA

Buscando perceber como o texto, enquanto objeto simbólico, produz significado para os sujeitos, esta pesquisa, de natureza documental, tem como *corpus* o conto, inscrito em 1995, presente na coletânea “ A noite escura e mais eu”, “Uma branca sombra pálida”, de autoria de Lygia Fagundes Telles.

Para alcançarmos o objetivo proposto, adotaremos para a realização do presente estudo, a pesquisa qualitativa do tipo descritivo-interpretativista. Como procedimento, analisaremos os discursos presente em alguns trechos extraídos do conto citado, nos quais é possível observar a articulação das relações de poder, de resistência e de silenciamento na constituição do sujeito homoafetivo,

DISCUSSÕES E RESULTADOS



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como uma das temáticas presentes na materialidade literária, a natureza das minorias sexuais conceituadas conforme Bullón(2008), como “ a maioria silenciosa” vem sendo abordada nos discursos que compõem esses espaços.Esses discursos apresentam formas diversas de regulação, vigilância e controle da sexualidade dos sujeitos.

Ao compreender o sujeito como um objeto de poder, das ciências e das instituições, contrapondo-se a ideia na qual está pautada a Filosofia Moderna, Foucault, ao analisar os mecanismos de sujeição, considera a exclusão a forma de subordinação mais violenta, porque resulta no silêncio daqueles que estão sobre a condição de dominação.

Ao realizar um estudo sobre o legado de Foucault Bruni (2006), afirma que como forma extrema de sujeição do outro, a exclusão é o fundo sob o qual se constroem os processos de estigmatização, discriminação, marginalização, patologização e confinamento que operam no nível social e nas instituições sociais, da família, do Estado, entre outros espaços de materialização do poder. Esses espaços de materialização do poder ao funcionarem como centro irradiador de uma pedagogia da sexualidade, produz o silêncio dos sujeitos “silêncio que é o primeiro e o mais intenso componente da situação de exclusão, a marca mais forte da impossibilidade de se considerar sujeito aquele a quem a fala de ante mão é desfigurada ou negada”.(BRUNI,2006.p.35)

Tendo em vista os jogos de poder que estabelecem à lógica de diferenciação e de discriminação, demarcando as fronteiras relacionais e dinâmicas entre as identidades sociosexuais, Carmem Dora Guimarães afirma que a abordagem da sexualidade é sempre envolvida pelo *mito do silêncio*. No que diz respeito a categoria homossexual, agrega-se também o *mito da anormalidade* arraigada na “ideologia do desvio”, que reveste o comportamento dos sujeitos homossexuais.Nas palavras da autora:

(...) qualquer investida na área da sexualidade, principalmente em nossa sociedade, é envolvida no *mito do silêncio* que a reveste.E, com referência à



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

categoria social homossexual o *mito da anormalidade* reforça este silêncio fazendo com que este pareça impenetrável. (GUIMARÃES,2004.p.34)

Foucault em a *Ordem do Discurso* afirma que a área da sexualidade é uma das esferas nas quais atuam mais acentuadamente a interdição, a vigilância e o desejo de controle sobre o sujeito.

As identidades gays silenciadas e excluídas do espaço público das relações sociais por transcenderem aos limites estabelecidos pela normatização, tem ao longo da história, a sua identidade investigada, negada, questionada e policiada pelo olhar social.

No conto *Uma branca sombra pálida*, a personagem principal, Gina, condicionada ao cerceamento de sua sexualidade, esconde o relacionamento amoroso que mantém com Oriana, silenciando a sua identidade sociossexual, como podemos perceber na leitura do trecho a seguir:

Gina querida, como é que você tem coragem? De continuar negando o que todo mundo já sabe, quando vai parar com isso? Ela levantou a cabeça e ficou me olhando, Mas o que todo mundo já sabe, mamãe? Do que você está falando? Chequei perto dela e apoie-me na mesa para não cair. Mas ainda me pergunta?! Falo dessa relação nojenta de vocês duas e que não é novidade para mais ninguém, por que está se fazendo de tonta? Não vão mesmo parar com essa farsa? (...). (TELLES, 1995.p.145)

A identidade sociossexual de Gina é permeada pelo o *mito do silêncio* e pelo *mito da anomalia*. O *mito da anomalia* rememora um saber discursivo que reverbera uma vontade de verdade na qual o homossexualismo por destoar do padrão adâmico compreendido como a matriz de sexualidade normal, legitimado pelo discurso social e pela pedagogia da sexualidade, é visto como uma patologia do sujeito, como uma transgressão a sexualidade natural. Os discursos que versam sobre a identidade sociossexual dos sujeitos são perpassados pelas relações de poder. A família, enquanto uma instituição discursiva, é



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

preenchida em toda a sua extensão por essas relações e também pelo contra poder, a resistência.

O poder, segundo o pensamento de Foucault, não é concebido como uma realidade única, estática e soberana, é e tratado como relações de poder. Para o autor, o exercício do poder substancia-se da mesma maneira em todas as instâncias das relações sociais, independente dos aparelhos ou instituições em que é exercido institucionaliza-se de diferentes formas, por exemplo, por meio de uma forma jurídica, e tem como um dos seus efeito a obediência do sujeito. Nesta perspectiva, o poder não está centrado em algo ou alguém, mas em toda a extensão do corpo social, na família, nas instituições do estado, nas instituições religiosas e educativas, econômicas, nas práticas culturais, etc. Amparadas por dispositivos de saberes e práticas as relações de poder se orientariam pelas ideias de norma, disciplina e controle. (PERES, 2011, p. 95)

Segundo Dreyfus e Rabinow (2006), as relações de poder na perspectiva foucaultiana, concebidas como uma práticas sociais construídas historicamente, são desiguais e móveis, estabelecem em seu funcionamento relações desiguais e assimétricas. Exercidas tanto sobre dominantes quanto sobre dominados essas relações são intencionais.

Entendido como matriz geral das forças, para compreender o poder é preciso nos remetemos à análise de seu funcionamento cotidiano, “ao nível das micropráticas, das tecnologias políticas onde nossas práticas se formam”. (FOUCAULT, 2010, p. 178)

O poder têm múltiplas formas de manifestação, está entrelaçado na sociedade possibilitando a sua estruturação hierárquica e ordenada permitindo a organização da sociedade por meio da linguagem “(...) essas relações de poder que caracterizam e constituem o corpo social, não podem se dissociar, se estabelecer, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso”. (FOUCAULT, 2010, p. 179)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A existência do poder pressupõe a presença de um contra poder, da resistência, estamos também submetidos a ela. A resistência como um elemento das relações nas quais o poder é constituído, se apoiando na situação a qual combate é compreendido com

o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se em nossas relações como o interlocutor irreduzível (...) Da mesma forma que a rede de relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades de resistência(...). (FOUCAULT,2013.p,104)

O fenômeno da resistência ocorre onde se instala o poder, condição de sua existência, nestes termos a resistência

é inseparável das relações de poder; acontece que ela estabelece as relações de poder exatamente quando ela é, por vezes, o seu resultado; na medida que as relações de poder se encontram em toda a parte, a resistência é a possibilidade de abrir espaços de lutas e de admitir possibilidades de transformação por toda parte.(REVEL,2011.p.128)

No campo estratégico das correlações de forças a resistência, em suas diversas modalidades, assim como o poder, é móvel, produtiva, podendo estabelecer novas relações de poder, da mesma forma que o poder, pode suscitar novas formas de resistência. Nesta perspectiva, o discurso é simultaneamente instrumento e efeito de poder, obstáculo, ponto de existência e de partida do poder e similarmente da resistência.

Na materialidade discursiva, autoria de Lygia Fagundes Telles, a personagem Gina vivencia, ao ter a sua sexualidade rechaçada no ambiente familiar, o conflito: assumir a sua identidade lésbica ou nega-lá, aprisionando-se ao padrão heteronormativo de sexualidade, como podemos verificar no trecho a seguir, no qual é narrado o momento em que se deu o embate mãe e filha:

Cruzei os braços com força porque eram os meus dentes que agora batiam. Levantei a voz mas falei devagar. A escolha é sua, Gina. Ou ela ou eu, você vai saber escolher,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

*não vai? Ou fica com ela ou fica comigo, repeti e fui saindo sem pressa.
(TELLES, 1995, p174)*

A instituição familiar estereotipa negativamente a homossexualidade porque é informada por um saber discursivo que entende a natureza dessa sexualidade como algo que transgride o modelo normatizado, pois é justamente nesse espaço de circulação de poder que os sujeitos lésbico por desidentificarem como o modelo de sexualidade assumido pelos seus pais, em sua maioria, são vítimas das primeiras práticas de preconceito. Na materialidade discursiva, o sujeito mãe estigmatiza, marginaliza e cerceia a identidade sociosexual. Neste panorama, o sujeito com uma sexualidade periférica, conceito atribuído por Foucault, tem constantemente a sua sexualidade vigiada e controlada.

Souza (2006), em seus estudos sobre a natureza da sociedade moderna, enfatiza que a sua principal e mais marcante característica é o exercício da vigilância sobre os sujeitos. A instituição familiar, como espaço de circulação de poder, exerce a vigilância sobre os corpos, a fim de que estes, em suas práticas, não burlem a norma e o sexo natural, legitimado pelas vontades de verdade em circulação nas práticas sociais.

Assim como poder, a instituição familiar comporta, em seu cerne, um contra poder, a resistência (PERES, 2011). Este contra poder materializa-se no discurso literário em análise na reação do sujeito filha a imposição à normatização. A morte do sujeito lésbico representa a presença do mecanismo de resistência a imposição de uma vontade de verdade sustentada por um discurso inscrito em uma formação discursiva homofóbica na qual está inscrita o sujeito mãe, como podemos observar na sequência narrativa a seguir

Fechei a porta e fiquei ouvindo o meu coração que há pouco parecia ter enlouquecido de repente se acalmou. Peguei o tricô e vareï a noite acordada, mas em nenhum momento me ocorreu que além das duas saídas que lhe ofereci, havia uma terceira. Que foi a que ela escolheu, cortar com aquela tesourinha, tique! O fio de vida no mesmo estilo oblíquo com que cortara os caules (TELLES, 1995, p176)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O suicídio do sujeito lésbico, considerado pelo sujeito mãe como uma agressão, representa a resistência à disciplinarização dos corpos e de sua sexualidade, suscita outros discursos que alicerçam distintas vontades de verdade. A morte é uma forma de luta a tentativa de qualquer espécie de acomodação da identidade sociosexual ao modelo de sexualidade que circula em torno do corpo do casal heterossexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade sociosexual do sujeito lésbico é envolvida, como podemos depreender da leitura dos trechos analisados, pelo *mito do silêncio* e o *da anormalidade* que resulta na ideia de uma sexualidade desviante, transgressora do padrão heteronormativo.

Cerceado pelas relações de poder diluídas nas relações familiares o silêncio, o mais opressor mecanismo de exclusão, percebido como a negação ao direito do sujeito lésbico a visibilidade de sua identidade, e até mesmo a possibilidade de existência dessas sexualidades, é reforçado ao longo do tempo pelas vontades de verdade vinculadas em discursos de distintas áreas de saber que rememora o *mito da anormalidade*.

A resistência, caracterizada no objeto simbólico pela morte do sujeito lésbico, representa a impossibilidade de adequação ao padrão de sexualidade referenciado no corpo do casal heterossexual. Enquanto contra poder a resistência, como afirmamos anteriormente, reverbera outras vontades de verdade e outras relações de poder. Na materialidade simbólica, o sujeito lésbico ao ter a sua identidade marginalizada, vigiada e controlada pelo sujeito mãe, ao cometer suicídio rememora uma vontade de verdade segundo a qual os sujeitos são distintos, e essa distinção estende-se também ao corpo sexual, não havendo, portanto, a possibilidade de adequação de todos os sujeitos a um único modelo de sexualidade.

REFERÊNCIAS



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BRUNI, J. C. Foucault: o silêncio dos sujeitos. In: SCAVONEL ; ALVAREZ, M. C & MISKOLCI, R (org). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. p 33 a 44.

BULLÓN, A. *Sinais Esperança: uma de leitura surpreendente dos acontecimentos atuais*. São Paulo: Casa publicadora do Brasil, 2008.

DREYFUS, R & RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2010. p. 178.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tra.: de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

GUIMARÃES, C. D. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

PERES, S. W. Travestis : corpos nômades , sexualidades múltiplas e direitos políticos IN: SOUZA, L. A. F ; SABATINE, T. T & MAGALHÃES . B. R . *Michel Foucault sexualidade , corpo e direito*. (orgs). São Paulo : Cultura Acadêmica , 2011.

REVEL, J. *Dicionário de Foucault*. Trad.: Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2011

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. IN: SILVA, T. T. I. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2005



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SOUZA,A,F,L.Paradoxos da modernidade vigiada: Michel Foucault e as reflexões sobre a sociedade de controle.In:SCAVONEL ;ALVAREZ,M. C &MISKOLCI,R (orgs). *O legado deFoucault*. São Paulo:Editora da UNESP,2006.p. 241 a 263.

TELLES.L.F .Uma branca sombra pálida .In:TELLES.L.F.*A noite escura e mais eu*..Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira,1995.p. 159-183.